

18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

**GT 37 Violência, corpo e sexualidade: estudos feministas de gênero e/ou
raça**

Coordenadora: Lourdes Maria Bandeira – UNB

Coordenadora: Marcela Amaral – UFG

Suplente: Ticiane Osvald Ramos – UFRBA

Trabalho: **Beleza e construção do corpo em narrativas de crianças
frequentadoras de salões de beleza.**

Autora: Vanessa Paula Ponte, doutoranda em Ciências Sociais, UNICAMP.
Orientanda do Núcleo de Gênero Pagu

BELEZA E CONSTRUÇÃO DO CORPO EM NARRATIVAS DE CRIANÇAS FREQUENTADORAS DE SALÕES DE BELEZA

Vanessa Paula da Ponte

“O corpo é a vida de alguém, porque alguém sem corpo
faz o que?”

Luiza Fernanda, 8 anos

“Espelho é onde olho a minha beleza.”

Mary Osório, 9 anos

“Adulto é a pessoa que em toda coisa que fala vem
primeiro ela” André Felipe, 8 anos

“Criança é o que tem olhos, tem boca, caminha e come e
não toma rum e vai dormir mais cedo”

Ana Maria, 6 anos

Casa das Estrelas, o universo contato pela criança, de
Javier Naranjo

Neste artigo, teço uma reflexão acerca da produção da imagem corporal entre meninas e meninos, na faixa etária de 6 a 12 anos, moradores em Brasília, frequentadores de salões de beleza. Partindo do princípio de que as crianças são agentes e intérpretes sutis de seus contextos culturais, serão priorizadas as narrativas de meninas e meninos, pertencentes a diferentes realidades sociais e econômicas, acerca dos modos como vivenciam e significam a sua beleza corporal¹. Nestas páginas, analiso os primeiros resultados do trabalho de campo, cujo eixo foram as experiências relacionadas ao convívio das crianças com os serviços oferecidos por salões de beleza. Pretendo discutir, especialmente, sobre como as categorias corpo e beleza – operadas cotidianamente nesses estabelecimentos – são manejadas pelas crianças, reverberando nos processos de produção² de suas autoimagens e percepções corporais.

O campo de discussões que almejo apresentar são fruto de um trabalho etnográfico, com perspectiva socioantropológica da infância, fundamentado nos estudos de gênero a partir de uma abordagem interseccional (BRAH, 2006) com

¹ A beleza aqui é compreendida como construção cultural. Como afirma Vigarello (2006), ela é ação e comportamento ligados à dimensão social. Corresponde às mudanças econômicas e sociais de contextos históricos.

² Já a palavra produção é entendida como um processo dinâmico, constituído na interação entre os aprendizados advindos dos contextos sociais e as agências dos sujeitos mediante tais aprendizados. A produção, neste prisma, não consiste numa mera reprodução de códigos sociais e culturais.

outros marcadores sociais de diferença, tais como classe e raça.³ Refletem a observação participante realizada em alguns salões de beleza situados em Brasília, na qual estabeleço uma relação dialógica com as crianças, buscando compreender – com riqueza de detalhes – os modos como significam esses estabelecimentos em relação aos processos de produção de suas aparências físicas.⁴ Fundamento-me, metodologicamente, nas reflexões de Sarmiento (2003), Cohn (2005), Corsaro (2011), autores que ressaltam a importância da realização de pesquisas socioantropológicas que primem pelo protagonismo dos pontos de vistas das crianças, valorizando, assim, estudos feitos *com elas* e não simplesmente *sobre elas*. Inspirada em Pires (2007) e Toren (2010), busco abrir mão de uma postura adultocêntrica, e parto do princípio de que as crianças conseguem se expressar sobre o que lhes concerne. Os posicionamentos apresentados por elas, em interação com os adultos, são capazes de alargar o entendimento da vida social em suas amplas dimensões.

Neste movimento, busco ouvir atentamente o que meninos e meninas têm a dizer sobre seus corpos, beleza e gênero. Inspirada nas metodologias de autores que desenvolveram pesquisas com atores infantis, entre eles Alderson (2005), Escoura (2012), Fians (2015) conduzo a etnografia com a consciência de que a pesquisa com crianças requer aproximação e conquista de confiança mútua, tecidas a partir de incontáveis trocas. Trocas estas que não são idílicas ou romantizadas, pois a construção da alteridade nas pesquisas com crianças, assim como nas dos adultos, envolve pelejas, afetos, negociações, desafios e limites que vão sendo trabalhados nas relações na jornada do trabalho.⁵

Com esta consciência, procuro desenvolver formas colaborativas de construção do conhecimento. Assim, nas visitas sistemáticas que tenho feito aos salões, procuro sempre interagir de forma descontraída com as crianças. Participo de suas brincadeiras; aprecio seus desenhos; escuto o que têm a dizer sobre os filmes e

³ Gênero e raça são termos utilizados aqui sem conotações essencialistas. Os trabalhos de Brah (2006), Butler (2001) e Fanon (2008) têm sido inspiradores para pensá-los de forma histórica e socialmente situados.

⁴ Apresento reflexões iniciais da pesquisa de doutorado desenvolvida no curso de Ciências Sociais da Unicamp.

⁵ Corroboro com Pinto e Sarmiento (1997, p. 8) quando afirmam que não há neutralidade no olhar do pesquisador e que não há ciência construída a partir da ausência de assimetrias. O que se tenciona é uma atitude investigativa de confronto do investigador consigo próprio para descentrar o seu olhar para melhor percepção das crianças.

desenhos a que assistem durante o atendimento. Além disso, busco garantir a elas o direito de decidir participar ou não da pesquisa, e procuro deixá-las sempre à vontade para que esclareçam dúvidas sobre as etapas do estudo, e para que manifestem suas opiniões sobre a minha postura como pesquisadora. Da mesma forma, indago se autorizam ou não o uso de seus depoimentos e fotografias. Com essas posturas e posicionamentos, “o meu desejo não é tornar-me nativa, mas, sim, ser assimilada pelas crianças como uma adulta diferente. Uma adulta que interage com elas, seja brincando, seja conversando, seja discutindo” (PIRES, 2007, p.4). Ressalto que priorizo, em todos os momentos da investigação, a preocupação ética – extremamente necessária em trabalhos que envolvem os atores infantis (KRAMER, 2002).

Cabe destacar, também, que o presente trabalho almeja estar em sintonia com uma agenda teórica e metodológica de estudos com crianças, produzidos de forma interdisciplinar, desde o final dos anos 80; insere-se ainda na esteira do avanço dos estudos feministas, a qual reconhece meninas e meninos como sujeitos históricos ativos na construção da realidade social, como seres criadores de conhecimentos e saberes. Tal agenda, diga-se de passagem, contraria um longo período das ciências sociais brasileiras, no qual as pesquisas “silenciaram ou simplesmente ignoraram as vozes das crianças. Mesmo quando elas apareciam, era em geral, como ‘adereço’ no universo do adulto (PIRES; SARAIVA, 2016, p.165). “Até bem pouco tempo, a Psicologia e a Educação eram as principais áreas encarregadas em compreender as dinâmicas do universo das crianças, vistas muitas vezes na condição de ‘tábula rasa’; seres humanos em desenvolvimento; reprodutores de padrões culturais” (PIRES; SARAIVA, 2016, p.165). Na pesquisa em curso, tenciono romper também com as ideias universalizantes e genéricas que giram em torno da noção de criança, a qual é entendida aqui “simultaneamente como categoria social, do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos ativos que interpretam, e agem no mundo” (SARMENTO, 2007, p. 37)

Feito esse diálogo inicial, ressalto que o texto está organizado em torno de dois tópicos. Primeiro, teço uma breve reflexão acerca da presença dos salões, sobre os gestos que embelezam, e os serviços e produtos estéticos presentes nos cotidianos das crianças. A seguir, exponho algumas cenas que observei nos salões e partilho

uma possível interpretação sobre elas, propondo elucidar as questões oriundas desta primeira imersão no campo.

Fazendo a cabeça: salões, produtos e serviços de embelezamento nos cotidianos das crianças

Atualmente, o Brasil se destaca como o segundo mercado mundial em serviços, produtos estéticos e cosméticos voltado ao público infantil.⁶ Além disso, a presença de salões de beleza nas diferentes regiões do país tem crescido vertiginosamente. Há uma variedade de estabelecimentos dedicados a públicos de distintas realidades sociais, poderes aquisitivos e idades. Conforme levantamento do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), entre 2010 e 2015, o número de registros no setor de salões de beleza e clínicas estéticas aumentou 567% no país. Hoje, há cerca de 342 mil salões formalmente registrados no território nacional.

Em Brasília, os salões marcam uma presença significativa no cotidiano da cidade, seja no Plano Piloto, ou nas Regiões Administrativas. Perpassam o abismo econômico e social da capital, a qual, por um lado, ostenta a maior renda per capita do país e, por outro, possui 52 mil brasilienses em situação de extrema pobreza.⁷ Os salões de beleza estão em toda parte: nas quadras comerciais, nas proximidades das mansões à beira lago, no torvelinho de ruas que se desenham distantes do Eixo Monumental.

Nas andanças pela cidade, visitei estabelecimentos focados no público infantil, que mais parecem verdadeiros parques de diversões, repletos de brinquedos e recursos audiovisuais. Tratam-se de ambientes climatizados, minuciosamente montados por arquitetos e decoradores, com equipamentos sofisticados e significativo estoque de produtos de beleza, dentre eles os importados. Possuem ainda equipes administrativas de limpeza e especializadas em serviços estéticos. Da mesma forma, frequentei também salões situados em regiões com dificuldades na infraestrutura, localizados em ruas que sequer foram asfaltadas. Estabelecimentos bem mais modestos, no que diz respeito a instalações físicas, quantidade de estoque, número de trabalhadores, e cartela de preços. Embora estas diferenças saltem aos olhos, os

⁶ Dados de 2014 publicados pela Associação Brasileira de Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIPHEC, 2014).

⁷ De acordo com Instituto de Planejamento Econômico Aplicado (IPEA), a desigualdade do DF está acima da média do restante do país. A análise teve como base dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1978, 1988, 1998 e de 2008.

serviços oferecidos para crianças possuem relativa semelhança: cortes de cabelo, alisamento, penteados, unhas decoradas, vendas de adornos, dentre outros serviços.

Além desses ambientes, visitei também salões que atendem a um público mais variado, que engloba tanto adultos, quanto crianças. Nestes espaços, observei estas interagindo com as ambientações, produtos, propagandas, e revistas pensados para a clientela adulta. Nestes salões, estão marcadamente presentes desde as fotos de divas do cinema, atrizes da televisão, até revistas de carros, presentes nas barbearias frequentadas tradicionalmente por homens e meninos. Frequentar esse leque de estabelecimentos traz uma riqueza etnográfica ao meu trabalho, pois tenho acesso a diferentes formas de sociabilidade vivenciadas.

A pesquisa de campo evidenciou que, no cotidiano dos salões, há uma nítida imposição de um determinado padrão estético, o qual valoriza um corpo magro e os cabelos lisos. Há também uma clara diferença dicotômica de gênero no modo de perceber a beleza corporal. Os gestos que embelezam⁸ direcionados às meninas são muito diferentes daqueles direcionados aos meninos. Isso pode ser observado na própria identidade visual dos locais, nos seus objetos, nos serviços oferecidos e, de forma especial, nos discursos mobilizados por muitos de seus funcionários e frequentadores.⁹ As imagens que permeiam as decorações geralmente são de crianças brancas, magras, com cabelos lisos. As cadeiras de cabelereiro dedicadas às meninas são geralmente tronos de princesas na cor rosa, ao passo que as cadeiras reservadas aos meninos são em formato de carro. Quando o menino é chamado para o corte, são comuns frases como: “Vamos ficar bonito pras namoradinhas?” (assim mesmo, no plural). Já as meninas ouvem frases do tipo: “Vamos lá, princesa?”. Expressões como “corte de homenzinho”, “corte militar”, “cabelo bom”, “cabelo ruim” são recorrentes nos salões.

⁸ Esse termo foi utilizado por Sant’Anna (2000) e indica um conjunto de ações que visam ao embelezamento do corpo, do rosto, do cabelo. A autora elucida que cada contexto social possui os seus conjuntos de gestos que embelezam que correspondem seus valores, histórias.

⁹ Visitei cerca de 20 salões que atendem crianças situados nos diferentes pontos de Brasília. Para este trabalho, trago apenas algumas cenas e análises iniciais pertinentes à três deles: um situado na Asa Norte, outro Asa Sul, e o último Ceilândia. No atual momento da pesquisa, estou realizando a seleção dos salões estratégicos que farão parte da tese, intensificando a pesquisa de campo nos mesmos e trabalhando em suas descrições detalhadas. Venho também estudando o perfil sócio-cultural das crianças, qualificando suas trajetórias e atentando para as suas relações.

Também é comum os estabelecimentos – sejam de pequeno ou de grande porte –divulgarem nas suas redes sociais na internet – como no Facebook, por exemplo – fotos exibindo crianças no momento da realização dos serviços. As fotos das meninas geralmente são acompanhadas por legendas como: “Lindo penteado para deixar a sua princesinha mais linda e toda estilosa!” Já nas fotos dos meninos, são comuns legendas como: “Dia de ajeitar a jubinha” (referência a juba de um leão), “Porque todo menino é um super-herói!” (na foto, aparece o corte do cabelo de um garoto, com um raio desenhado à máquina, alusão ao personagem *Flash*¹⁰). No site de um dos salões pesquisados, encontrei a seguinte propaganda: “Salão de Beleza Infantil (especializado em cortes de cabelos de crianças e bebês), penteados especiais e unhas decoradas. Com muita diversão e responsabilidade para as princesas e heróis”.

No interior dos salões, é intenso o estímulo ao consumo, seja pela venda de adornos e produtos de embelezamento, seja com campanhas promocionais, como a promoção “mãe e filha” (a unha da filha sai mais barata se a mãe também fizer). Há ainda uma promoção especial, realizada no final das férias escolares, chamada “Astros e Estrelas: voltar às aulas com estilo”. Há inclusive alguns estabelecimentos que promovem festas de aniversário, denominadas “o dia da princesa”. Nelas, a aniversariante celebra mais um ano de vida ao lado de suas amigas em meio aos serviços do salão orquestrados pelas profissionais do estabelecimento. As meninas pintam as unhas, fazem maquiagem, penteados. Toda decoração da festa alude ao universo da beleza (desde o bolo, até as lembrancinhas).

Diante de tais cenas, trago algumas questões norteadoras para reflexão: de que forma as crianças manejam os modos como as categorias corpo e beleza são operacionalizadas cotidianamente nesses estabelecimentos? Como agem diante dos direcionamentos dos gestos que visa, embelezar? Dialogam? Subvertem? Tensionam? Como isso reverbera nos processos de produção de suas autoimagens corporais? O que isso revela sobre os contextos sociais em que estão inseridas?

Durante a pesquisa de campo, presenciei cenas que mostraram crianças reiterando parâmetros de beleza e critérios normativos de distinção de gênero. Como

¹⁰ Personagem criado por Gardner Fox e Harry Lampert, em 1940, para a revista *Flash Comics*.

por exemplo, uma menina com 5 anos, que se recusava a receber os doces oferecidos no salão, pois diz estar gorda; outra, com 7 anos, perguntou se havia alguma cirurgia capaz de retirar suas sardas; uma garotinha, de apenas 3 anos, estava entusiasmada por ter abandonado a chupeta em troca de seu primeiro batom; outra garota, com 8 anos, só saía de casa se estivesse com maquiagem na bolsa e, além disso, também demonstrava insatisfação com seus cabelos crespos, querendo-os mais lisos; observei ainda um menino que voltava constantemente ao salão de beleza para atualizar o cabelo, conforme o corte de seu jogador preferido.

Nas cenas descritas acima, podemos observar idealizações de determinados padrões estéticos, comumente anunciados em salões de beleza. Tais ambientes, ainda que não sejam necessariamente locais de domesticação corporal, muitas vezes se revelam como espaços coercitivos, no sentido de orientarem e incentivarem normatizações de corpo, beleza e gênero.

Todavia, também registrei cenas de crianças negociando, deslocando e negando os padrões de beleza e as noções rígidas de diferenciação de gênero. Como é o caso de uma menina com 10 anos que recusou depilar as pernas, mesmo diante dos apelos da mãe. Uma outra, com 8 anos, não quis depilar as sobrancelhas, mesmo com a insistência da tia. Presenciei meninas que queriam manter seus cabelos curtos, e meninos que desejavam manter suas madeixas grandes. Um garoto, com 6 anos, desejava cortar o cabelo na cadeira de princesa. Tais cenas mostram que as negociações entre responsáveis e crianças são complexas e diferenciadas: às vezes permeadas de conselhos, outras de choros, de constrangimento, ou risos. Evidenciam ainda que o corpo o qual se tenta educar ou disciplinar nunca é uma massa inerte, “desinformada”, ou, *a priori*, passiva (Sant’Anna, 2000). Assim, não podemos dizer, com efeito, que todas as crianças reagem de forma acrítica diante dos discursos e estímulos presentes no salão, nem que existe, entre elas, uma interpretação homogênea acerca desses apelos. Como defende Louro (2003), os atores infantis não são meros receptores passivos de processos pedagógicos externos, mas sim agentes que participam ativamente desse empreendimento.

Nesta mesma linha de reflexão, destaco o diálogo que tive com Alice, uma menina de 12 anos. Perguntei a ela: “Percebi que a Silvia [cabelereira] e a sua mãe sugeriram para você deixar seu cabelo grande. O que você achou?” Eis a resposta:

“Ah, cabelo grande dá muito calor e atrapalha na hora do jogo.” “O que você joga? [indaguei]” “Futebol feminino, mas meus pais não gostam muito”. A resposta de Alice, por um lado, pode ser interpretada como um deslocamento dos cabelos de uma dimensão estética, para uma dimensão puramente prática, vinculada ao jogo de futebol. Por outro lado, a menina pode ter usado a dimensão prática como uma estratégia para escamotear (das vigilâncias parentais e sociais) suas opções estéticas pelo cabelo curto, presumidamente masculino.

A pesquisa mostra que no interior dos salões, a imagem corporal torna-se elemento preponderante na definição de quem deve ou não ser admirado. A beleza é vista como uma forma de alcançar a aceitação social plena. Entendimento respaldado por diversas instâncias sociais: indústrias de cosméticos, medicina estética, mercado da beleza, mídia, e tantas outras que incitam o empreendimento de um trabalho sistemático na aparência física. Venho refletindo que essa valorização da beleza gera, por meio de suas nuances, uma acentuada distinção de classe, gênero e raça, evidenciando mecanismos de reprodução de desigualdades. O trabalho de Gomes (2002), por exemplo, é elucidativo nesse sentido, quando aponta que o preconceito capilar recai fortemente sobre as pessoas negras. Já o estudo de Edmonds (2002, p. 255) explana que: “Se o consumo de produtos e serviços de beleza torna-se essencial para manter uma aparência considerada ‘normal’, aqueles que não podem consumi-los suficientemente se tornam cada vez mais marginais.” Por sua vez, Novaes (2006) mostra como a “tirania da beleza” recai com maior intensidade no cotidiano de meninas e mulheres.

Ressalto, nesse sentido, um estudo realizado pelo instituto de pesquisa Multifocus, o qual analisou 1.800 brasileiras, de 6 a 17, anos acerca de seus hábitos de beleza. Os resultados mostram que: “48% das meninas fazem luzes, 13% alisam o cabelo em salões. Oito entre dez meninas usam maquiagem e fazem as unhas. Entre as garotas com menos de 11 anos, 95% usam batom.” Essa preocupação, por parte das crianças, com a aparência física acarreta exorbitantes lucros para a indústria de embelezamento. As linhas de produtos de beleza exclusivos para crianças, por exemplo, cresceram mais de 40% em dois anos (ABIPHEC, 2014).

Por traz desta porcentagem, há uma série de casos de danos à saúde. O uso incorreto de certos cosméticos desencadeia reação alérgica. O salto alto, por sua vez,

é prejudicial à coluna. Já os constantes alisamentos podem provocar irritações no couro cabeludo. Além disso, há ainda a doença alimentar, que vem vitimando um crescente número de crianças. (FERNANDES, 2007). Essa reflexão nos leva a questionar uma ideia que há muito vigora em nosso contexto social, isto é, que “um corpo bonito é necessariamente um corpo saudável.” A centralidade que a aparência física assume nas vidas dos sujeitos sociais pode, em alguns casos, prejudicar o seu bem-estar físico, emocional e social, sobretudo quando eles acreditam não estar de acordo com o padrão estético vigente.

Ciente do uso intensivo de cosméticos pelas crianças, a Anvisa¹¹ determinou normas para a adequação do comércio desses tipos de produtos. Dentre as normas, foi estabelecida a faixa etária para o público infantil, que vai de 0 a 12 anos, para o uso de cada categoria de cosmético. O esmalte para unhas, por exemplo, só pode ser utilizado por crianças a partir de 5 anos. Crianças com 3 anos podem usar sombra e batom com a ajuda de um adulto. Depois dos 5 anos, ela mesma já pode utilizar os produtos sozinha. Essas medidas adotadas pela instituição são mais um indício que mostra a presença cotidiana de cosméticos e práticas de embelezamento nas vidas das crianças. Nos salões, a presença de cosméticos possui uma forte centralidade, não só porque eles estão presentes nos serviços oferecidos, mas porque são vendidos em muitos estabelecimentos e divulgados nas redes sociais.

É importante frisar, nesse sentido, que a intenção aqui não é culpabilizar os familiares e espaços de embelezamento como os salões de beleza pelos usos excessivos de cosméticos ou serviços estéticos pelas crianças e nem pelas relações que estas estabelecem com seus corpos. Antes disso, procuro refletir sobre os sentidos do contexto social que orientam ou impõem exigências entorno da beleza que podem gerar discriminação de corporalidades infantis e prejuízos à saúde física e emocional.

Como mencionado, uma série de dados estatísticos – como aqueles publicados pelo Sebrae, pela ANVISA, pela ABIPHEC, e pela Multifocus – evidenciam que a

¹¹ Ver resolução RDC Nº 15, de 24 de abril de 2015, estabelecida pela Anvisa, que estipula requisitos para o uso de cosmético infantil no Brasil. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=47&data=27/04/2015>. Acesso em: 28 de maio de 2017. Ver cartilha sobre uso de cosméticos infantis produzida também pela Anvisa. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/cosmeticos/material/cosmetico_infantil.pdf. Acesso em: 28 de maio de 2017.

presença de cosméticos, de serviços estéticos e de estímulo às práticas de embelezamento nos cotidianos de crianças vem aumentando no Brasil. Porém, no escopo desta pesquisa, é preciso ir além dos dados estáticos. É necessário ouvir as crianças, participar de seus cotidianos quando visitam os salões. É preciso buscar compreender os seus múltiplos olhares, agências, percepções e significações diante do processo de embelezamento que ali ocorre. Inclusive, cabe perceber, nesse movimento, a gradação entre suas idades, pois quando se trabalha com o público infantil, é preciso ter consciência de que “as ideias de uma criança de 6 anos não podem servir de base para se saber que ideias essa mesma criança terá aos 9, 12, de idade (...) porque as ideias das crianças sofrem uma transformação marcante com a idade” (TOREN, 2010, p. 10).

Para realizar este exercício, busco inspiração nas reflexões de Brah (2006) para compreender as crianças e suas experiências nos salões (experiências aqui entendidas como narrativas, desenhos, brincadeiras, posicionamentos, atitudes). Fundamentada nas ideias da autora, entendo que as experiências das crianças articulam suas relações sociais, subjetividades e suas localizações particulares na esfera social – elementos intimamente relacionados. Nesta perspectiva, as experiências das crianças em relação à produção de suas imagens corporais não devem ser vistas como homogêneas, estanques e predeterminadas. Muito pelo contrário, são dinâmicas e processuais e devem ser analisadas atentando aos posicionamentos específicos de cada criança em seus contextos, levando em consideração as relações que se estabelecem com marcadores sociais da diferença (gênero, classe social, raça, idade).

Esta forma de análise, inspirada em Brah (2006), é denominada interseccional. A sua potência instiga a refletir sobre as experiências das crianças, no tocante à beleza e aos gestos que embelezam, não por um único prisma, seja este o gênero, a classe, a idade ou a raça, e sim a partir de todos eles, numa articulação dinâmica, a qual não é uma mera adição. Segundo Piscitelli (2008, p. 268), na perspectiva de Brah:

Raça, gênero e classe não são âmbitos diferentes de experiência que existem isoladamente uns dos outros, nem podem ser simplesmente montados em conjunto como se fossem um lego. Essas categorias existem em e por meio das

relações entre elas. Por esse motivo são categorias articuladas. As categorias de diferenciação não são idênticas entre si, mas existem em relações, íntimas, recíprocas e contraditórias. (...) os marcadores de identidade (...) não aparecem apenas como formas de categorização exclusivamente limitantes. Eles oferecem, simultaneamente, recursos que possibilitam a ação.

Algo frutífero na interseccionalidade é a sua potência para a análise da diferença, esta entendida como “as variedades de maneiras como os discursos específicos da diferença são constituídos, contestados, reproduzidos e ressignificados” (BRAH, 2006, p. 46). O que permite perceber como as experiências das crianças são diversas e investidas de significados específicos. Não basta apontar que nos salões os corpos de crianças geralmente são percebidos e produzidos em função de certos critérios estéticos, em que, a beleza é representada como um dever; é preciso refletir que esse dever se dá de forma particular, levando em consideração fatores como classe, raça, gênero, idade. No exercício desta pesquisa, não fico meramente atenta ao modo como os salões e seus efeitos pedagógicos podem reverberar nas crianças; busco compreender o que as próprias crianças apresentam aos salões, numa permanente relação.

Seguindo essa linha de argumentação, dando continuidade às reflexões tecidas até aqui, compartilho com o leitor e com a leitora, no tópico seguinte, três cenas que presenciei nos salões.

Entre cores, espelhos e cortes: cenas de crianças nos salões

As cenas que observei, em sua completude, guardam sutilezas que demandariam uma descrição longa, ultrapassando o espaço e o escopo deste artigo. Para contá-las na íntegra, precisaria recompor cada momento da observação participante, desde o momento em que cada uma das crianças atravessou as portas dos salões. Seria necessário também narrar interações que se iniciaram muito antes das primeiras trocas de palavras e apresentações mais formais. Afinal, não adianta chegar para as crianças com ligeireza, anunciando logo os propósitos da pesquisa; é preciso, antes disso, ser escolhida por elas para que o diálogo aconteça. Para isso, eu me empenho através de um simples olhar, um sorriso, um arquear de sobrancelhas, faço movimentos lúdicos, como a leve batida dos meus sapatos no chão, um tamborilar de dedos na face, um enrolar de cabelos na ponta dos dedos.

Gestos sutis, que faço exclusivamente para elas. Se a criança se abre para interagir, procuro me aproximar mais. Se ela tem um relógio desenhado à caneta em seu pulso, por exemplo, pergunto as horas; se tem uma personagem de desenho animado estampado na roupa, converso sobre ela. São chaves de entrada para o diálogo conseguidas com delicadeza, respeitando tempos, silêncios, pausas, negativas. Os trechos a seguir foram construídos nessa atmosfera. Após apresentá-los, procuro oferecer uma interpretação possível sobre eles, elucidando as questões norteadoras deste trabalho.

Cena 1: O local é um salão de médio porte localizado na Asa Norte, região situada no Plano Piloto que possui imóveis de alto valor de mercado. A menina em questão é Larissa, 5 anos, cabelos loiros e longos, olhos verdes, vestido cor lilás. Adentra o salão com desenvoltura; é cliente assídua. Sua chegada é cercada de elogios da equipe relativos à sua beleza e vestimenta. Depois de ter o cabelo lavado, Larissa acomoda-se confortavelmente na cadeira para iniciar o corte. Toca as madeixas e diz com ar de advertência: “Tia, corta só as pontinhas!” A profissional ri. Antes mesmo da cabelereira iniciar o trabalho, a menina vira o rosto e pergunta à mãe: “Posso fazer as unhas, mamãe?” A mãe responde sorrindo: “Larissa, Larissa”. A manicura de pronto emenda: “Opa! Hoje é dia de promoção mãe e filha! “Tá Larissa!”, fala a mãe. “Que cor você quer?”, pergunta a manicura. “Laranja”, diz a menina. A profissional responde: “Vai ficar show!” Assim, Larissa, ao mesmo tempo em que tem uma profissional cortando os cabelos, tem outra fazendo as unhas. Ao terminar, ela recebe mais elogios, acompanhados de um pirulito. Sopra os dedinhos para secar o esmalte. Enquanto sua mãe faz as unhas, Larissa caminha no salão em direção a uma parede repleta de adornos, laços, broches, vestidos. Eu – que já observava a menina durante seu processo de embelezamento – me aproximo, abaixo meu corpo para ficar com o rosto na altura do dela e indago: “Por que você quis pintar as unhas, Larissa?” Como se a resposta fosse óbvia, a menina responde: “Para ficar bonita, ora!” Na saída, a cabelereira me fala: “Essa aí é cliente desde o primeiro corte. Puxou a vaidade da mãe, filha de peixe...”.

Cena 2: A segunda cena se desenrolou em um salão de pequeno porte na Ceilândia, no setor habitacional Sol Nascente, região carente de infraestrutura e saneamento

básico. A garota da vez é Marina, 10 anos, cabelos castanhos escuros, olhos também castanhos. Chega com seu vestido e meias coloridas que cobrem toda extensão das pernas. Entra no salão com uma expressão irritada. A mãe fala com a cabeleireira e informa que depois de cortar os cabelos, a menina veio fazer a primeira depilação. Marina retruca na hora e diz: “Mãe, eu já disse que não vou fazer!” A mãe, em um tom elevado, que todos no local podiam ouvir, responde: “Que coisa feia, uma moça peluda. Quem já se viu? Não existe isso, Marina!” A menina responde: “Dói, mãe!”. A mãe insiste: “Ela deve depilar, pois os pelos são grossos como os meus. Se não tirar cedo vão ficar encravados.” A mãe argumenta ainda que Bel (a depiladora) vai ser delicada e não vai doer nada. “Larissa, eu sou boazinha. Você vai ficar com a perna linda!”, diz a depiladora. “Eu não quero!”, enfatiza Larissa. “Por quê?”, pergunta a depiladora. “Porque a perna é minha!” Larissa consegue neste dia não fazer a depilação.

Cena 3: A terceira cena, por sua vez, ocorreu em um salão de grande porte localizado na Asa Sul, bairro habitado por muitos moradores com alto poder aquisitivo. O protagonista da vez é João, menino negro, cabelos crespos, por volta de 7 anos, vestido com uma camiseta com o símbolo do Batman. Entra correndo e bem agitado no salão; fica sentado na cadeira da recepção, enquanto os pais conversam com o cabelereiro. Observo João e vejo que do lado direito de sua cabeleira há uma parte de raspada. Soube que o menino pegou escondido o barbeador do tio e tentou cortar o cabelo. Justificou alegando que os colegas na escola estavam “zoando” com ele. Perguntei aos pais o que haviam dito ao menino: falaram que ele não deveria mentir e nem pegar nada escondido. E sobre o comentário dos meninos em relação ao cabelo do garoto, o pai disse que não havia falado nada ainda. O cabelo de João foi cortado bem curto, quase raspado. Perguntei ao menino o porquê de ter cortado os cabelos e ele respondeu: “Pra ficar igual.” “Igual?”, indaguei novamente. “Sim! Igual lá na minha escola.” João morava no Estado do Maranhão. Só recentemente passou a morar em Brasília e estudar na Escola da Asa Sul.

Ao analisar as cenas, percebo como Larissa e Marina, no fluir de seus cotidianos infantis e nas vivências nos salões, são estimuladas a acreditar que uma menina, para ser valorizada, deve ser bonita e vaidosa. Assim, elas convivem com muitos exemplos e ensinamentos que lhes orientam a cuidar de suas aparências

físicas como uma prioridade, pois isto é fator fundamental para conseguir a aceitação social. Lembremos, aqui, que a mãe de Larissa faz as unhas juntamente com a menina, e dos elogios recebidos pela garota em virtude de sua beleza. Também pensemos nas falas da depiladora e da mãe de Marina, buscando convencer a criança que o sacrifício da depilação vale a pena pela beleza. Nessa ótica, as meninas terão uma recompensa social, serão aceitas, terão suas “feminilidades legitimadas socialmente”. No caso de Marina, a depilação surge como um procedimento que possibilitará à menina expor suas pernas ocultas pelas meias, evitando também o constrangimento de ser alvo de comentários na escola devido os seus pelos. “Que coisa feia, uma moça peluda!”, disse a própria mãe.

Desde a infância, as protagonistas desta pesquisa são ensinadas, de forma prazerosa, ou muitas vezes dolorosa, dia após dia, a dar atenção a cada parte do corpo de uma maneira especial. Aprendem que os corpos das mulheres geralmente são percebidos e classificados na vida cotidiana em função de certos critérios estéticos (MALYSSE, 2006). Aprendem também que, para as mulheres, a beleza é representada como um dever (NOVAES, 2006). Vale questionar o custo dessas ideias para a saúde e a subjetividade das crianças.

Por mais que Larissa e Marina reajam de maneiras diversas nos salões – a primeira com muita aceitação, solicitando por conta própria consumir outros serviços, e a segunda com resistência, não querendo depilar as pernas – há uma similaridade entre as vivências das duas. Por mais que os ensinamentos da beleza sejam orientados aos seus corpos, pela via dos processos educativos em casa e nos salões, eles são passados e interpretados como se fossem próprios à natureza da mulher, como se já nascessem aptas para caminhar de determinada forma na vida, como se viessem predestinadas a cumprir certos rituais de embelezamento e higiene.

Essas ideias correntes nos processos educativos naturalizam papéis e funções dos seres humanos, procurando homogeneizar os comportamentos, os modos de ver, pensar e sentir as corporalidades. É comum, como já mencionei, durante os cortes de cabelo dos meninos, ouvir exclamações do tipo: “Vamos ficar bonito pras namoradinhas? ”, assim mesmo, no plural, como se fosse normal para o homem ter várias namoradas. Enfim, tais ideias têm um caráter universalizante a respeito de homens e mulheres. Desconsiderando, inclusive, as dores e as dificuldades que

muitos desses seres sentem ao ter que enquadrar seus corpos em determinado padrão de ser e viver.

Neste ponto, aludo às ideias de Louro, autora que reflete sobre o modo como a escola pratica a pedagogia da sexualidade e o disciplinamento dos corpos. Em suas palavras: “Existem (e sem dúvidas, existem) algumas referências e critérios para discernir o quanto cada menino ou menina, cada adolescente estava se aproximando ou se afastando da norma” (LOURO, 2016, p. 18). A autora pondera que não se trata de atribuir à escola nem o poder e nem a responsabilidade de explicar as identidades sociais, muito menos de determiná-las de forma definitiva. No entanto, afirma que “é preciso reconhecer, contudo, que suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm efeitos de verdade, constituem parte significativa das histórias pessoais.” (LOURO, 2016, p. 21). Reconheço – nos salões de beleza visitados –esse caráter pedagógico. Nesses espaços, são recorrentes ideias convencionais de pensar o corpo, o gênero e a beleza, sendo que tais estímulos tentam pautar os cortes e as vivências. É importante frisar que o campo vem se mostrando marcadamente binário e heteronormativo. Desse modo, com o adensamento da pesquisa, será extremamente importante atentar para o debate transgênero ligado à infância, já que os salões constituem um espaço onde a educação dos corpos está em evidência.

Aqui, devo retomar à reação de Marina. Por mais que a menina seja impelida a fazer a depilação e esteja sendo constrangida na escola em virtude dos pelos nas pernas, ela reagiu a tudo isso. Tentou transgredir. Sentenciou: “A perna é minha!” Marina reivindica esse direito. Informa que depilar não é o único caminho a ser seguido. Aqui, novamente desnaturalizamos a ideia de que as crianças estão meramente sujeitas a um processo de socialização e que o recebem de forma mecânica.

De acordo com Butler (2001), o gênero é performativo, é um modo de subjetivação dos sujeitos. É sempre uma dinâmica, uma ação, e nunca uma verdade totalizante. Por ser performático, o gênero vivencia um constante movimento de construção, criatividade, transitoriedade, estando sempre em referência a contextos específicos de significação. Sobre a performatividade, a autora enfatiza que o termo deve ser entendido “não como um ato singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e referencial, mediante a qual o discurso produz os efeitos

que nomeia” (BUTLER, 2002, p.18). A performance, portanto, é plural, passiva de transformações e pode subverter a ordem vigente.¹²

Nesta trilha de pensamento, durante minha ida ao campo, tenho percebido que as performances das crianças ora reiteram os critérios e as referências sobre corpo, beleza e gênero anunciadas nos salões, ora deslocam, negam e subvertem tais critérios. Tenho observado também como é recorrente o uso de estratégias, recursos e orientações por parte de funcionários e pais/responsáveis, os quais reforçam um esquema marcadamente binário anunciado no padrão de beleza vigente – o que ocorre seja por meio do carinho, de piadas, de palavras de incentivo, de frases pedagógicas ou mais enérgicas (“Não faça isso!”, “Isso é tão feio para uma menina!”, “Brincar assim é coisa de menina!”).

Na esteira desta reflexão, remeto-me ao trabalho de Cohn (2005), a respeito dos Xikrin, subgrupo Kayapó, de língua Jê, habitantes do sudoeste do Pará. A autora faz uma discussão sobre o modo como eles concebem a infância e o desenvolvimento infantil. Cohn rompe com uma ideia corrente em nosso meio social de que a experiência da criança é uma mera imitação, do mundo adulto. Mostra-nos como tal experiência é qualitativamente diversa e particular e como é marcante para a inserção em seu contexto social. Segundo a autora:

É a partir das experiências das crianças que estas podem mapear os contextos e as relações sociais que constituem a sociedade em que vivem, e nela atuar (..) o que as crianças estão fazendo não é uma mera imitação do mundo adulto, mas uma constituição ativa de relações sociais que as acompanharão por toda a vida.

Baseada no trabalho de Cohn, é possível perceber os gestos de embelezamento e os cuidados com a aparência física executados pelas crianças com quem interagi em pesquisa, para muito além da mera imitação. Nos salões, elas convivem com práticas e valores anunciados em torno de suas belezas físicas e formas de ser. Elas vão manejando e negociando, reiterando ou desestabilizando esses aprendizados, ou seja, convivendo de alguma forma com eles em suas trajetórias. Pela análise das narrativas, depoimentos e cenas, percebi que para muitas

¹² Butler (2002, p. 154) destaca ainda que “os corpos não se conformam nunca, completamente, às normas pelas quais a sua materialização é imposta.”

crianças, as experiências vividas nos salões não se encerram no momento em atravessam as portas destes estabelecimentos. Em muitos casos, elas permanecem ressoando, refletindo nos modos como percebem suas próprias imagens corporais e de seus pares.

Retomemos a cena de João. O garoto pegou o barbeador do tio para dar fim ao alvo da chacota dos amigos: os seus próprios cabelos. Investiu, assim, na sua imagem para oferecer uma resposta concreta às exigências do olhar de seus pares. Buscou um cabelo que lhe proporcione uma ampla socialização. “Pra fica igual”, diz o menino. Aqui, torna-se relevante o pensamento de Bouzon (2010, p. 278-9), quando diz que socialmente “o cabelo classifica e hierarquiza, qualifica e desqualifica, exclui e inclui, aproxima e distância.” Pensemos o quanto o cabelo liso é um dos elementos preponderantes do padrão de beleza exigido socialmente. Malysse (2006, p. 21) *revela* que “no Brasil, como em muitas outras culturas, o loiro e o liso dominam a escada estético-social da beleza capilar.” Mesmo em muitos salões étnicos, como mostra a pesquisa de Arango (2016), não se fala abertamente em raça e muitos serviços oferecidos prometem *tratar, domar* ou *resolver* o “problema” das pessoas de cabelo crespo.

Os pais de João chamaram sua atenção “por mentir e roubar o barbeador”, mas o fato do cabelo ter sido alvo de chacotas na escola ainda não tinha sido tratado em família. João teve seus cabelos praticamente raspados. Ao contrário de Larissa, não ouvi nenhum elogio às suas madeixas antes do corte. Só depois, quando os cabelos já haviam sido cortados. Aludo aqui ao trabalho de Oliveira e Finco (2011, p. 63), os quais afirmam que: “ultrapassar as desigualdades de gênero e de raça pressupõe compreender o caráter que hierarquiza e naturaliza as diferenças reduzindo-as às características físicas, tidas como naturais, e conseqüentemente, imutáveis.”

Reafirmo que a intenção desta pesquisa não é atribuir aos familiares e às equipes dos salões de beleza responsabilidades pela maneira como as crianças se relacionam com seus corpos. Antes disso, o objetivo principal deste estudo é refletir acerca de como o contexto social impõem ou orienta sobre todos eles (crianças, familiares e funcionários) a adoção de um determinado padrão estético. Procuro pensar sobre o quanto esse padrão exige das pessoas, os interesses que estão por

trás; busco questioná-lo, já que ele é limitado tanto física como subjetivamente diante da diversidade dos indivíduos. Sobretudo, busco compreender o que as crianças, em seus próprios termos, pensam sobre tais padrões estéticos.

Outro ponto que a observação das três cenas descritas elucidada é a compreensão dos salões não apenas como locais de reprodução ou negociação da beleza, mas também como espaços de sociabilidade, isto é, ambientes lúdicos, nos quais as crianças trocam afetos, criam laços, tanto com os profissionais que fazem o atendimento, como com outras crianças ali presentes.

No que diz respeito aos salões como locais de sociabilidade, são pertinentes os estudos de bell hooks¹³ acerca do cabelo. hooks (2005) ilumina essa discussão ao partilhar suas lembranças da época em que era menina, quando sua mãe arrumava os seus cabelos e de suas irmãs. A autora nos transporta para o aconchego de sua casa nas manhãs de sábado, quando juntas passavam o pente quente umas nas outras, alisando os seus cabelos. Deslinda uma trama transbordante de sentidos e significados presentes neste momento. Ali se desenhava um ritual pleno de afetos, de intimidade e troca. Em suas palavras: “Para cada uma de nós, passar o pente quente é um ritual importante. Não é um símbolo de nosso anseio em tornar-nos brancas. Não existem brancos no nosso mundo íntimo” (HOOKS, 2005, p. 1). Para as meninas de trança, vivenciar o alisamento simbolizava a passagem para um novo status, era “um símbolo de nosso desejo de sermos mulheres” (HOOKS, 2005, p. 1). Além de falar de sua trajetória, hooks menciona os sentidos de arrumar os cabelos nas vidas de outras mulheres, seja em casa ou nos salões.¹⁴

Fazer chapinha era um ritual da cultura das mulheres negras, um ritual de intimidade. Era um momento exclusivo no qual as mulheres (mesmo as que não se conheciam bem) podiam se encontrar em casa ou no salão para conversar umas com as outras, ou simplesmente para escutar a conversa. Era um

¹³ A autora apresenta o seu pseudônimo com letras minúsculas para que os leitores e leitoras se concentrem em sua mensagem ao invés de si mesma.

¹⁴ Ao longo do texto, percebemos que hooks apresenta as múltiplas nuances acerca das práticas de investimento e produção do corpo, entre elas: as ritualísticas compartilhadas, repletas de vínculos; a relação política entre a aparência e a cumplicidade com o segregacionismo branco, quando o cabelo liso era tido como o padrão vigente; a apropriação do mercado acerca da produção da beleza negra, quando esta passou a ser ostentada. Em meio a estes múltiplos sentidos, a autora nos chama a atenção para a importância de “adquirir a consciência crítica que nos capacite para examinar as questões de raça e beleza e pautar nossas escolhas pessoais de um ponto de vista político” (HOOKS, 2015, p. 7).

mundo tão importante quanto à barbearia dos homens, cheia de mistério e segredo (HOOKS, 2005, p. 1).

As reflexões de hooks – acerca dos salões como espaços de sociabilidade – são preciosas para este trabalho. Baseada nas ideias da autora, tenho procurado perceber como João, Marina, Larissa, dentre outras crianças, tomam os salões não só como ambientes de produção e negociação de suas belezas, mas também como locais onde se constroem laços. hooks inspira, sobretudo, a refletir sobre as práticas de embelezamento vivenciadas nos salões para muito além de meras escolhas pessoais, mas de um ponto de vista social e político. É a fineza desse olhar – que atenta para as diferentes nuances das relações das crianças com os salões – que esta pesquisa, ainda em processo de construção, busca desenvolver e aprofundar.

Politização do embelezamento e participação das crianças (considerações finais)

Hoje em dia, advoga-se que o corpo está aí para ser vivido, experimentado, exposto (RAGO, 2004, p. 11). Somos, a todo instante, convidados a administrar a própria aparência, a redesenhar as formas físicas (COUTO, 2004, p. 135). Os salões de beleza são espaços que movimentam este convite. Em suas cadeiras, os corpos de crianças e adultos geralmente são percebidos e classificados na vida cotidiana em função de certos critérios estéticos (MALYSSE, 2006), em que a beleza é representada como um dever (NOVAES, 2014). Um dever que se dá de forma particular, levando em consideração fatores como classe, raça, gênero, idade. E que por vezes instaura nas pessoas, das mais diferentes idades, um sentimento de insuficiência, de culpabilidade e de vergonha, evidenciando mecanismos de reprodução de desigualdades.

Corroboro com Sant’Anna (2000), quando afirma que a beleza corporal é uma relação. Não existe em si mesma. Ela ganha sentido socialmente. O corpo existe numa trama de relações. Politizar o embelezamento seria uma maneira de compreender as razões sociais dos nossos gestos e necessidades de cuidar da aparência. Na esteira dos estudos socioantropológicos da infância mencionados ao longo destas páginas, reflito que essa politização não pode prescindir a colaboração efetiva das crianças. Elas têm muito a dizer e contribuir sobre suas vivências relacionadas ao processo de embelezamento que perpassa cotidianamente suas

vidas. E suas participações são promissoras. Ao pedir que Carolina, 7 anos, estudante de escola pública, descrevesse uma pessoa bonita, ela afirmou enfática: “Ser bonita é tá viva! Todo mundo que tá vivo é bonito.” Palavras que trazem um entendimento democrático sobre a beleza, na contramão de rígidos padrões corporais.

REFERÊNCIAS

- ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-42, 2005.
- ARANGO, Luz. Cuidado, emoções e condições de trabalho nos serviços estéticos do Brasil. In: ABREU, A.; HIRATA, H; LOMBARDI, Maria Rosa (Orgs.). *Gênero e trabalho no Brasil e na França*, São Paulo: Boitempo, 2016. P.223-232.
- BOUZÓN, Patrícia. Construindo identidades: um estudo etnográfico sobre manipulação da aparência em salões de beleza na cidade do Rio de Janeiro. Tese Museu Nacional, RJ, 2010.
- BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós 2002.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001. p. 151-172.
- BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-76, jan./jun. 2006.
- COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- COUTO, E. Corpos interditos. In: NEVES, M., CABEDA.S (Orgs.). **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. P. Alegre: EDIPURCS, 2004. p. 133- 148
- CORSARO, Willian. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica. In: GOLDEMBERG, Miriam (org.). **Nu e vestido**, Rio de Janeiro, Record, 2002, p.189-261.
- ESCOURA, Michele. **Girando entre princesas**: performance e contorno de gênero em uma etnografia com crianças. (Mestrado em Antropologia Social). USP, São Paulo. 2012.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- FIANS, Guilherme. **Entre crianças, personagens e monstros: uma etnografia de brincadeiras infantis**. Rio de Janeiro: Ponteiro, 2015.
- FINCO, Daniela, OLIVEIRA, Fabiana. A sociologia da pequena infância e a diversidade de gênero e de raça nas instituições de educação infantil. In: *Sociologia da infância no Brasil. Campinas: Autores Associados* (2011): 55-80.
- GOMES, Nilma. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2002.
- HOOKS, Bell. Alisando o nosso cabelo. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, jan./fev. 2005. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-QLDsEs>. Acesso em: 21 maio de 2005.
- KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.
- LOURO, Guacyra. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- MALYSSE. Extensões do feminino: megahair, baianidade, capilar. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/megahairpdf>. Acesso em: 2006.
- NOVAES, Joana V. Sobre a tirania da beleza. Rio de Janeiro: Polêmica / UERJ, 2006b. Disponível em: <http://www.polemica.uerj.br/pol18/oficinas/lipis_4-main.htm>. Acesso em: 26 set.2016.
- NOVAES, Joana. **Sobre a tirania da beleza**. Rio de Janeiro: Polêmica / UERJ, 2006.

PIRES, F. Ser adulta e pesquisar crianças. **Revista de Antropologia**, v.50, n.1, p. 225-70, 2007.

PIRES e SARAIVA . Ser criança no Brasil Hoje. **Latitude**, Vol. 10, nº 2, pp. 165-169, 2016.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n. 2, jul./dez. 2008.

SARMENTO, Manuel. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SARMENTO, M. e PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, M. e PINTO, M. **As crianças, contextos e identidades**. Braga, Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.

SANT'ANNA, Denise. As infinitas descobertas do corpo. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 14, p. 235-49, 2000.

VIGARELLO, George. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

RAGO, Magareth. O corpo singular. In: STREY, M; CABEDA, S. (Orgs.) **Corpos exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPURCS, 2004. p. 12-16.

TOREN, Christina. A matéria da imaginação: o que podemos aprender com as ideias das crianças fijianas sobre suas vidas como adultos. **Horizonte antropológico**, Porto Alegre, v.16 n.34, jul./dez. 2010.